

A morte de Américo Monjardim

Por Benevenuto

Faleceu, há pouco, no Rio de Janeiro, o dr. Américo Poli Monjardim. Não vamos repetir aqui o que se costuma dizer nesses momentos, quando desaparece um vulto ilustre de nossa terra. Há, ao nosso ver, uma maneira de exaltar, com justiça, a memória de um homem, lembrando a sua obra. Recordando o que fez, o que realizou. E não raro, é apontando seus feitos e obras que melhor traçamos o seu perfil, nos seus contornos mais expressivos.

Em setembro de 1940, há exatamente 33 anos, escreviamos, neste mesma coluna, uma crônica sobre o dr. Américo. Referíamos-nos aos serviços que estava prestando à cidade. Dizíamos então: — "Vitória é uma cidade que rejuvenesce. A fitinha vermelha de suas velhas tranças coloniais está sendo substituída pelo pon-pon vistoso e trabalhado dos nossos dias. Já descalçou o velho borzeguim de cano alto de 1910, para usar o sapato moderno, de salto de madeiras do último modelo americano. Ela vai, aos poucos, se re-quentando em modos, formas e atitudes civilizadas, graças a esse excelente modelador que é o prefeito Américo Monjardim. É incontestável a ação remocante do primeiro magistrado da cidade. Não há rua, não há recanto, não há ângulo, por mais escondido que seja, em que se não sinta a eficiência de sua atividade realizadora. Aqui é um jardim que se reforma; ali é uma velha iluminação que se substitui; acolá é um calçamento que se prolonga; deste lado é uma rua que se abre; daquele, é um passelo que se refaz, e tudo isso sem anúncios e sem barulho! A reforma porque passou o nosso Parque Moscoso é dessas que fixam um nome e não podem passar sem um registro. Limpo, arejado, moderno e profusamente iluminado como está, ele constitui, agora, um refúgio alegre e encantador, para o descanso do espírito e retempero das energias. Por tudo isso é que o povo não lhe tem regateado aplausos, manifestando, por diversas formas, o seu regozijo e reconhecimento. Quero destacar aqui uma dessas manifestações, pela maneira original porque se realizou. Levou-a a efeito o meu velho amigo Odilon Grijó, inspetor geral de nossos jardins. O fato, segundo uma testemunha, se deu num domingo. Alguns turistas visitavam o orquidário existente naquele parque. Um deles, entendido em Botânica, ia dando a cada espécie que se lhe mostrava o nome próprio e científico. A esta chamava *aspasia lunata*, à aquela *cryptopodium-punctatum*, a daquela outra *miltonia spectabilis* e assim por diante. Em dado momento, o moço cientista pára diante de uma espécie nova que lhe era desconhecida. Indaga do Grijó. Este não se deu por achado. Enfia o polegar esquerdo na cava do colete, entumece o peito e com ares de velho naturalista: — "esta é a nossa *americus-monjardinensis*".

Os bons fados permitiram que 33 anos depois, outro prefeito olhasse com o mesmo carinho e dedicação para a sua cidade, voltando-se também para o velho parque que restaurou completamente, dando-lhe a beleza que hoje ostenta nos seus lagos, suas flores, seus passeios, suas alamedas calçadas, seus recantos floridos, suas diversões. Se vivo fosse, o saudoso Odilon Grijó vendo as rosas multicores de seus canteiros, havia de dar a alguma espécie desconhecida o nome de *crisogonus-cruzis*, numa justa homenagem ao atual governador da cidade. Não, seria justo encerrar essas linhas sem lembrar, ainda,